

Oração semanal

(5ª-feira, Tempo Comum 11)

Serra do Pilar, 21 junho 2018

P. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo!

R. Ámen!

P. Estamos, Senhor, reunidos em teu nome; fica conosco (Lc 24,29).

R. E desça sobre nós a tua bênção.

P. Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito do Pai e do Filho!

R. Glória ao Senhor, que nos dá o seu Espírito (1Ts 4,8)!

Leitura do Evangelho de Jesus Cristo segundo Mateus (Mt 23,1-12)

Naquele tempo, Jesus falou à multidão e aos discípulos, dizendo: *Na cadeira de Moisés sentaram-se os escribas e os fariseus. Fazei e observai tudo quanto vos disserem, mas não imiteis as suas obras, porque eles dizem e não fazem. Atam fardos pesados e põem-nos aos ombros dos homens, mas eles nem com o dedo os querem mover. Tudo o que fazem é para serem vistos pelos homens: alargam os filactérias [as tiras de pergaminho com passagens da Bíblia escritas, que os judeus traziam na testa], ampliam as borlas, gostam do primeiro lugar nos banquetes e dos primeiros assentos nas sinagogas, das saudações nas praças públicas e que os tratem por 'Mestres'. Vós, porém, não vos deixeis tratar por 'Mestres', porque um só é o vosso Mestre e vós sois todos irmãos. Na terra não chameis a ninguém vosso Pai, porque um só é o vosso pai, o Pai celeste. Nem vos deixeis tratar por 'Doutores', porque um só é o vosso doutor, o Messias. Aquele que for o maior entre vós será o vosso servo. Quem se exalta será humilhado e quem se humilha será exaltado.*

Salmo 23 - O bom Pastor

**O Senhor é meu pastor,
nada me pode faltar!**

O Senhor é o pastor que me conduz,
nada me falta!

É nos prados da relva mais fresca
que me faz descansar;

para as águas tranquilas me conduz,
reconforta a minha alma!

Ensina-me os caminhos mais seguros;
por amor de seu nome,

passarei os mais negros abismos
sem temer mal nenhum!

Junto a mim teu bastão, teu cajado,
eles são o meu conforto!

Preparas uma mesa para mim
mesmo à face do inimigo!

Teu óleo me ungiu a cabeça
e minha taça transborda!

Viverei a ventura da graça,
cada dia da vida;
minha casa é a Casa do Senhor
e para sempre o há de ser!

Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito,
desde agora e para sempre!

Ao Deus que é, que era e que vem,
pelos séculos dos séculos!

Mestre da vida

Jesus continuava a comunicar a todos a experiência que guardava no seu coração: "Deus já está aqui". A sua presença salvadora ia-se fazendo notar, silenciosa, mas efetiva. Doentes e atormentados por espíritos malignos experimentavam na sua própria carne a força curadora de um Deus amigo da vida. Mendigos e despojados, vítimas de todo o género de abusos e atropelos, começavam a sentir Deus como seu defensor e Pai. Pecadores, prostitutas e todo o tipo de indesejáveis sentiam que estavam a ser aceites. Enquanto comiam com o amigo Jesus, despertava nos seus corações uma nova fé no perdão e na amizade de Deus. Até as próprias mulheres começavam a sentir uma dignidade nova, até ali desconhecida. Com Jesus, tudo começava a mudar.

Como era possível corresponder a esta nova situação? Como se poderia "entrar" na dinâmica do reino de Deus? Como viver neste espaço novo criado pela irrupção salvadora de Deus? Jesus podia responder com a sua própria experiência. Sendo ele o primeiro a acolher o reino de Deus, podia ensinar os outros. As pessoas viam nele imediatamente não só o profeta de Deus, reabilitador da vida e defensor dos últimos, mas um mestre da vida que ensinava a viver de maneira diferente, sob o sinal do reino de Deus.

Um mestre pouco convencional

As gentes chamavam-lhe *rabi*, porque o consideravam mestre. Não era só uma forma respeitosa de tratamento. A sua maneira de se dirigir ao Povo, convidando todos a viverem de outra maneira, ajustava-se à dos mestres do seu tempo. Não era só um profeta que anunciava a irrupção do reino de Deus. Era um sábio que ensinava a viver e a dar uma resposta a Deus.

Contudo, ninguém o confundia com os intérpretes da lei ou com os escribas que estavam ao serviço da hierarquia sacerdotal do templo. Jesus não se dedicava a interpretar a lei. Socorria-se apenas das Escrituras, não citando nunca mestres anteriores a ele. Não pertencia a nenhuma escola nem se incluía em nenhuma tradição. A sua autoridade surpreendia. A gente tinha a impressão de estar a ouvir dos seus lábios um estilo de vida radicalmente diferente.

Como em todos os povos, também na sociedade judaica que Jesus conheceu, predominava uma sabedoria convencional que tinha ido acumulando ao longo dos séculos e que, no fundo, era aceite por todos. As fontes principais em que se baseava eram a lei de Moisés e as tradições que iam passando de geração em geração. Era esta "cultura religiosa" que, alimentada semanalmente nas sinagogas com a leitura das Escrituras, reavivada nas grandes celebrações e festas do templo, conservada e atualizada pelos intérpretes oficiais, impregnava toda a vida de Israel. Era através desta tradição religiosa, interiorizada na consciência do Povo, que todos modelavam a imagem de Deus e a escala de valores que configurava a sua visão da vida: a eleição de Israel, a sua aliança com Iavé, a lei, o culto do templo, a circuncisão e a observância do Sábado. Era nela que se alimentava a sua identidade de "filhos de Abraão".

Embora Jesus enraizasse no melhor dessa tradição, o seu ensinamento estava nimbado de um carácter subversivo, pois punha em questão a religião convencional. Da sua doutrina ressaltava uma conclusão: o reino de Deus estava a chegar. Não se podia continuar a viver como se nada tivesse acontecido. Era preciso passar de uma religião convencional para uma vida centrada no reino de Deus. Aquilo que se estava a ensinar em Israel já não chegava para construir a vida

tal como Deus a queria. Era preciso aprender a dar uma resposta nova a uma nova situação criada pela irrupção de Deus.

Com linguagem tirada da sabedoria popular, Jesus ia fazendo perceber de maneira bem nítida o seu objetivo. Não pretendia ensinar a caminhar pelo "caminho largo", trilhado por muita gente, mas que conduzia o Povo à perdição. Ele desejava mostrar um caminho diferente, trilhado ainda por muito poucos por ser "estreito", mas que era o que levava à vida. Não desejava ser um guia cego no meio daquele Povo. Já havia demasiados "cegos a guiarem outros cegos", com risco de caírem todos num grande fosso. Também não era sua intenção deitar um remendo de tecido novo num vestido velho, porque o rasgão poderia ser ainda maior, nem introduzir vinho novo em odres velhos, pois, com isso, poderiam perder-se o vinho e os odres. O reino de Deus exigia uma resposta nova capaz de transformar tudo de raiz. "Vinho novo em odres novos!"

Por isso, Jesus não se servia das Escrituras para as analisar e para delas extrair o seu ensinamento, como, aliás, se fazia entre os fariseus e na comunidade de Qumran. Para ele, as Escrituras apenas serviam para demonstrar que os desígnios de Deus estavam a cumprir-se com a irrupção do reino de Deus. A experiência que possuía de Deus dizia-lhe que já se estava a realizar, de uma maneira plena e decisiva, o que se dizia nos textos sagrados.

Jesus estava muito familiarizado com a tradição bíblica e com as expressões e imagens que nela se utilizavam. No entanto, não resulta fácil saber que textos costumava citar. Provavelmente, o livro que mais o atraía era o do profeta Isaías e os textos que ele mais apreciava eram os que anunciavam um mundo novo para os doentes e para os pobres. Que gozo

interior não sentiria quando, aos sábados, tinha oportunidade de escutar palavras como estas: "Animai-vos, não temais! Eis o vosso Deus (...) que vem em pessoa retribuir-vos e salvar-vos. Então se abrirão os olhos do cego, os ouvidos do surdo voltarão a ouvir, o coxo saltará como um veado e a língua do mudo dará gritos de alegria". "Os oprimidos voltarão a alegrar-se no Senhor e os pobres exultarão no Santo de Israel. Foi eliminado o tirano e desapareceu o cínico"!

Segundo tudo indica, Jesus não citava as Escrituras pelo texto dos livros hebraicos que se guardavam nas sinagogas. A gente não sabia hebraico e, de resto, ninguém possuía qualquer livro em casa. Jesus citava de uma maneira mais popular e menos precisa, seguindo os comentários ou traduções (*targumim*) que se faziam em aramaico, para que o Povo percebesse a Palavra de Deus. Mas não se limitava a repetir o texto. Adaptava a linguagem e as imagens bíblicas à sua própria experiência de Deus. Lia e recriava tudo desde a irrupção do seu reino.

A gente sabia bem que Jesus não era um mestre da lei. Não tinha estudado como os mestres famosos. Não vinha de nenhum grupo que se dedicasse à interpretação das Escrituras. Jesus andava no meio do povo. Falava nas praças e nos descampados, à beira dos caminhos ou nas margens do lago. Tinha a sua própria linguagem. Para fazer passar a sua experiência do reino de Deus, contava parábolas que faziam vislumbrar nos ouvintes um mundo novo. Para fazer com que a gente entrasse na dinâmica desse reino, pronunciava máximas breves em que resumia e condensava o seu pensamento. Da sua boca saíam sentenças diretas e precisas que levavam a que todos vivessem a vida de outra maneira.

Os seus ditos ficavam gravados naqueles que o escutavam. Breves e concisos, repletos de verdade e de sabedoria,

pronunciados com vivacidade, obrigavam aquela gente a pensar em coisas que, de outra maneira, lhe podiam escapar. Jesus repetia-os vezes sem conta, nas mais diversas circunstâncias. Alguns prestavam-se para rematar, à guisa de conclusão concisa, o que tinha acabado de expor profusamente. Não eram ditos para serem repetidos uns atrás dos outros pois, desse modo, não havia tempo para a reflexão sobre cada um deles.

Jesus possuía um estilo muito próprio de ensinar. Sabia tocar o coração e a mente das pessoas. Frequentemente, surpreendia-as com ditos paradoxais e estonteantes: "Quem quiser salvar a sua vida, há de perdê-la; mas quem a perder por causa de mim e do Evangelho, há de salvá-la". Seria, realmente, assim, um assunto de vida ou morte, uma decisão onde tudo se jogava? Umaz vezes, provocava-os com expressões completamente exageradas: "Se a tua vista direita for para ti origem de pecado, arranca-a e lança-a fora (...) E se a tua mão direita for para ti origem de pecado, corta-a e lança-a fora". Outras vezes, era com ironia e com humor que falava: "Porque reparas no argueiro que está na vista do teu irmão, e não vês a trave que está na tua vista?". As pessoas riam-se às gargalhadas, mas dificilmente se esqueceriam da lição. Também sabia utilizar com graça jogos de palavras que muito as divertiam: "Guias cegos, que filtrais um mosquito (em aramaico, *galma*) e engolis um camelo (em aramaico, *gamla*)!".

O que Jesus pretendia era chegar até à gente mais simples e ignorante. Para isso, utilizava também ditados que todos conheciam. Esses adágios anónimos foram sempre do agrado do povo, porque encerravam uma experiência de gerações. Não eram ditos originais de Jesus, mas ele utilizava-os de uma maneira peculiar para dar a conhecer o reino de Deus: "Nenhum servo pode servir a dois senhores"; dizia-o a

experiência, mas Jesus acrescentava: "Não podeis servir a Deus e ao dinheiro". E a gente entendia-o: não era possível escutar o chamamento de Deus, que defendia os últimos, e continuar a viver a acumular riquezas. Noutra ocasião, lembrava-lhes mais um rifão: "Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas, sim, os enfermos". Toda a gente o sabia: o médico estava para atender os doentes. Então, por que é que não se aceitava que Jesus se abeirasse dos pecadores e comesse com eles?

Mas, mais que repetir ditados populares, o que Jesus pronunciava eram sentenças que lhe saíam adequadas à maneira como ele entendia o reino de Deus. Eram ditos breves, caracterizados, muitas vezes, pelo seu radicalismo. Jesus pronunciava-os com autoridade, sem se apoiar nas Escrituras e sem argumento algum: "Amai os vossos inimigos". "Não julgueis para não serdes julgados". Eram uma espécie de "contraordem" para se viver sob o sinal do reino de Deus, ao invés daquilo que era aceite convencionalmente por todos.

(José Antonio Pagola – *Jesus, uma abordagem histórica*, pp. 247-252)

Oração Final

Oremos (...)

Pai nosso e Pai de Jesus,
Deus e Senhor,
abre-nos os olhos e os ouvidos, abre-nos o coração,
à Graça que nos revelaste na Humanidade da tua Palavra,
o teu Verbo feito Carne, o Cristo Jesus,
«Filho do Homem» e «Filho de Deus»,
teu Filho e nosso Irmão,
na Unidade do Espírito Santo.
Ámen!